

Os coletes amarelos: um contraste entre a ideologia e o poder das redes sociais¹

Graça Lourenço²

Resumo: Tendo como ponto de partida uma revisão, necessariamente breve, da literatura sobre movimentos sociais, este ensaio faz uma breve abordagem do movimento dos “coletes amarelos” (emergido em França em outubro de 2018), tecendo-se ainda algumas considerações sobre a sua (não) expressão em Portugal.

1. Introdução

Têm entre 35 e 45 anos, ganham menos 30% do que o salário médio nacional, não se interessam por política, não querem saber de partidos nem se reveem em sindicatos. Interessam-se pelo preço da gasolina e pelos impostos absurdos que pagam. É esta a imagem dos coletes amarelos em França e em Portugal. (Jornal Económico 21/12/2018, 00:15)

A presente reflexão centra-se numa das formas mais recentes de contestação coletiva na Europa Ocidental, a dos coletes amarelos. Essa forma de contestação pressupõe previamente que se façam algumas considerações sobre a sua relação com a literatura relativa aos movimentos sociais.

2. Movimentos sociais

Começando pelo conceito de movimentos sociais, estes são formas especiais de ação coletiva em que uma categoria social põe em causa um modo de dominação social generalizada (Touraine, 1989).

¹ Ensaio apresentado em janeiro de 2019 à disciplina *Trabalho, Sindicalismo e Globalização* do Programa de Doutoramento em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo da FEUC – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

² Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e mestre em Sociologia – Políticas Locais e Descentralização: As Novas Áreas do Social pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Aluna do Programa de Doutoramento em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo da FEUC – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Quando se fala de movimentos sociais há que ter em conta duas visões antagónicas: uma racional e outra irracional.

Marx, Dürkheim e Weber defendem uma visão racional dos movimentos sociais, por seu lado Gabriel Tarde e Ortega y Gasset, defendem uma perspectiva irracional (Bobbio, 2000).

Os defensores da racionalidade da ação social como por exemplo Marx consideram que a ação social, e os movimentos sociais, tem explicação racional, pois estão interligados com os modos de produção.

Para Marx o conceito de movimento social identifica-se com a luta de classes que é o motor da história. A sociedade muda se os modos de produção mudarem, isto é, a sociedade depende dos modos de produção (Marx, 1982).

Émile Durkheim defende, também, a racionalidade dos fatos sociais. Considera que a ação social não apresenta apenas um carácter finalista mas uma causa eficiente. Assim, todos os factos sociais são explicados através dos próprios factos sociais. (Durkheim, 1997).

Max Weber defende que a racionalidade reside na compreensão da ação humana. A ação social é vista como uma qualquer ação realizada por um sujeito num meio social que, possui necessariamente, um sentido que lhe é dado pelo seu autor (Weber, 2004). A partir do momento em que se concorda que é possível entender que a ação social é racional, pode-se também construir teorias que explicam os movimentos sociais.

Segundo Tarde, as multidões (maiorias) guiam-se por aquilo que os líderes defendem; não possuem opinião e seguem cegamente quem os lidera. (Tarde, 2005). Para Ortega Y Gasset, a presença das multidões representa um retrocesso cultural, um abalo civilizacional (Gasset, 1962).

São três os critérios usados para os especificar: Em primeiro lugar, os movimentos sociais manifestam-se através do comprometimento de atores individuais que se organizam numa ação de conflito coletiva contra um adversário que se opõe a uma mudança social. Existem relações antagónicas entre atores em que, ambos procuram controlar a mesma questão, seja ela económica, política ou cultural.

Em segundo lugar, eles caracterizam-se por terem iniciativas concertadas e coordenadas assentes em estratégias e recursos suportados por um conjunto de redes informais de intercâmbio.

Finalmente, os movimentos sociais implicam a formação de uma identidade comum em torno de uma mesma causa, permitem que os seus membros se reconheçam não apenas como alguém que está ligada entre si, mas também como pertencentes a um movimento maior (Rui, S. 2016).

O conceito de movimento social é um conceito que pode apresentar diferentes significados. Ao longo do século XIX, a classe operária, em Inglaterra, através da organização de movimentos sociais foi o principal ator da luta pela defesa de direitos dos trabalhadores (Thompson, 1987). A partir desta data, os movimentos sociais passam a ser determinantes em todas as revoluções e grandes ruturas da história dos povos. Hoje a sociedade dominada pela economia e pela cultura rejeita os movimentos sociais do passado que se identificavam com a luta de classes e verifica-se o surgimento dos novos movimentos sociais associado à crise da sociedade industrial, à crise da ideologia socialista e ao aparecimento da “sociedade programada” – aquela em que a produção e difusão dos bens culturais ocupa o lugar que fora dos bens materiais na sociedade industrial. Estes movimentos sociais defendem uma cultura política independente e autónoma que não têm por objetivo a defesa dos direitos dos trabalhadores mas pretendem discutir e alterar outros setores da vida social.

Para McCarthy e Mayer (1977) os movimentos sociais são ações coletivas em que os atores envolvidos são guiados por um principio de racionalidade. O sucesso dos movimentos sociais depende de um conjunto de recursos humanos, culturais e fundamentalmente económicos, que conseguem captar. Della Porta e Diani (1999) consideram que na mobilização é valorizado o ambiente político que os rodeia para compreender os fatores que possibilitam ou dificultam a sua expansão (Tarrow, 1998). No entanto, nem todos os fenómenos políticos que ocorrem numa sociedade podem ser identificados como movimentos sociais (Tilly, 1996). Estes apenas emergem quando estamos perante “um desafio sustentado dirigido aos detentores do poder, em nome de uma população que vive sob a jurisdição desses detentores do poder, através de sucessivas demonstrações públicas de respeitabilidade, unidade, número e compromisso: no mínimo os movimentos sociais envolvem uma interação contínua entre os opositores e os detentores do poder” (Tilly, 1996).

Neil Smelser refere, que os meios de controlo social são acionados quando surgem os primeiros sintomas da necessidade de mudanças sociais. Estes têm por base as

mudanças não assimiladas pela sociedade, isto é quando ocorre uma perturbação a sociedade tende a desorientar-se pois passa de uma ordem para outra que ainda não foi assimilada. Tudo isto provoca angústia, hostilidade e fantasia (Smelser, 1963).

Marx considera que o proletariado foi o impulsionador dos movimentos sociais no século XIX, e que na sociedade pós-industrial, surgiram outros atores como os feministas, os regionalistas e ecologistas, sendo estes hoje os impulsionadores dos novos movimentos sociais (Smelser, 1963). Este autor assenta a sua teoria sobre quatro pilares da convivência social: os valores como guias da ação social, a emergência de normas para levar adiante a ação social, a mobilização de forças em direção a determinadas fins e o aproveitamento da oportunidade que se apresenta para a ação. Segundo diz, os movimentos sociais são pré-institucionalizados e podem apresentar diversas dimensões desde a política, no caso das nacionalidades, à religiosa, como o milenarismo ou messianismo. A teoria de Smelser opõe-se a diversos autores, nomeadamente de Alain Touraine.

Touraine defendeu que a conflitualidade social nos países ocidentais não poderia continuar a ser vista apenas à luz da “luta de classes”. Na sua obra considera que os movimentos sociais são ações sociais que permitem um relativo progresso social. Para que um movimento social exista, é preciso que o movimento seja duradouro e que os indivíduos compartilhem uma relativa identidade (Touraine, 1998).

Para este autor, os novos movimentos sociais falam mais de autogestão que de um sentido da história, falam mais de democracia interna que de tomada de poder e considera que estes movimentos levam ao desaparecimento dos partidos políticos uma vez que eles estão muitas vezes acima e contra os atores sociais. Segundo diz os movimentos sociais caracterizam-se em três pontos fundamentais: o princípio de identidade: Quem luta? O princípio de oposição: Quem é o adversário? O princípio de totalidade: Por que lutar?

Quando os três princípios estão juntos, isso gera uma “consciência coletiva”.

Este sociólogo diferencia as noções de “ação social” e de “movimentos sociais”. A primeira que diz respeito aos atores, a segunda refere-se à mudança. (Touraine, 2006). Na sua opinião os novos movimentos sociais não têm inimigos definidos e deixam transparecer uma nova geração de problemas e de conflitos. Agora não se luta pelos meios de produção, mas luta-se pela finalidade dessas produções culturais que são a

educação, os cuidados médicos, a informação. As contestações mais acirradas têm hoje um fundamento moral não porque a ação coletiva é impotente, mas porque a dominação se exerce mais sobre as pessoas enquanto pessoas, do que sobre o trabalho e condição jurídica.

Alberto Melucci (1985), por exemplo, considera que este conceito de movimento social é reducionista, daí preferir a ideia de ações coletivas. Este conceito tem sido utilizado de forma indiscriminada para classificar qualquer tipo de associação civil.

Para os novos teóricos dos movimentos sociais as mudanças nas sociedades capitalistas ocidentais provocadas pela transição de uma era industrial para uma pós-industrial são fundamentais para compreender a formação, a estrutura e a operação de novos movimentos sociais (Estanque, 2012). A partir da segunda metade do século XX o protagonista dos movimentos sociais deixa de ser o operariado e o sindicalismo. A partir dos anos sessenta a composição social dos movimentos sociais é mais heterogénea e tinha por base a denominada classe média que além de ser uma noção central para a compreensão das sociedades ocidentais, é, e sempre foi, muito controversa (Estanque, 2012).

Hoje os “novos” movimentos sociais enfrentam novos desafios, uma vez que o principal adversário (mercados, o capital financeiro ou os 1% de muito ricos) é hoje mais global; porque têm identidades estruturadas no ciberespaço pelas redes sociais o que as torna mais fictícias, mais difusas, mais voláteis; e, porque a ideia de “um mundo melhor” e mais justo é algo bastante vago, que carece de sentido estratégico e de reinvenção ideológica. É, assim, difícil antever os efetivos impactos dos novos movimentos sociais na transformação da sociedade, uma vez que os recursos mobilizáveis são dispersos e incertos (Santos, 2005).

A partir de da década de 80, e principalmente a partir de 2008 assistimos à crise das democracias que se deixam enredar por um conjunto de fenómenos, entre os quais a corrupção, o aumento das desigualdades, o descrédito dos partidos políticos, dos sindicatos e estes movimentos são exemplo de um claro desencanto o que tem consternado a vida das sociedades democráticas ocidentais (Estanque, 2012).

3. Movimento “Coletes Amarelos”

Manifestação dos "coletes amarelos" contou com 136 mil pessoas este sábado



SIC Notícias 02.12.2018 14:27

O movimento de protesto “coletes amarelos” nasceu em França em Outubro de 2018. Este é um movimento cívico com o objetivo de criar uma nova democracia, uma nova república, permitindo aos cidadãos terem não mais riqueza, mas menos pobreza. É uma clara manifestação do desencanto social. Foi um movimento criado espontaneamente, nas redes sociais (Facebook), à margem de partidos e sindicatos e é alimentado pelo descontentamento da classe média-baixa.

O protesto dos "coletes amarelos" espalha-se pela Europa, desde a Holanda, a Bulgária a Bélgica e Portugal e chega mesmo ao Canadá e a Taipé. Em França quando Macron tomou as decisões de aliviar a sobrecarga de impostos sobre os mais ricos, aumentar os impostos dos combustíveis para promover a transição energética. Deste modo, ao aumentar os impostos sobre a classe média e média baixa, acentua o descontentamento e bloqueia as expectativas, provocando nos franceses uma necessidade de revolta. No início desta organização, dia 18/11/2018, em França, os "coletes amarelos" tiveram o

apoio de 74% da população (SIC 19.11.2018 às 16h35). Este movimento promoveu protestos e marchas lentas em França. Frank Buhler, um dos iniciadores do movimento e responsável do partido soberanista 'Debout la France', lançou um vídeo que obteve 186 mil visualizações e mais de 14 mil partilhas no Facebook, no qual apelou aos cidadãos que “bloqueassem a cidade”. Afirma ainda que este movimento é um clamor da classe média-baixa relativamente a um governo que valoriza o centro de Paris; é um clamor contra a agressão aos mais vulneráveis, contra uma "ditadura que está em marcha...". Uma outra página na mesma rede social, intitulada "Acte 2 Toute la France à Paris", criada por Eric Drouet, apelava a uma manifestação na Praça da Concórdia: "Esperamos toda a gente, camiões, autocarros, táxis, agricultores, etc.... Toda a gente!". No dia 19.11.2018, 24 mil utilizadores do Facebook já tinham “aceitado” o convite para participar e 166 mil tinham manifestado "interesse" no evento (Sic Noticias 2/12/2018).



Jornal | 11.12.2018 19:58

4. Movimento dos coletes amarelos em Portugal

O movimento “Vamos Parar Portugal” foi inspirado nos recentes protestos dos coletes amarelos que em França provocaram uma onda de violência e instabilidade. Em Portugal uma manifestação semelhante começou a ganhar força, também, nas redes sociais. A paralisação foi convocada no Facebook com o mote “Vamos Parar Portugal Como Forma de Protesto”. Mais de 11 mil pessoas disseram que tencionavam aderir ao protesto nacional e mais de 40 mil demonstraram interesse em participar. Afirmam-se como "apartidários e pacíficos" e apresentam como exigências: o aumento do salário mínimo, do subsídio de desemprego e das reformas e pensões; menos impostos sobre os bens de consumo; abolir o pagamento das portagens sobre a ponte 25 de abril; diminuir o número de deputados eleitos na AR; o fim dos manuais escolares; o uso de plataformas educativas; a redução do horário escolar e redução do número de disciplinas; a abolição da dupla tributação automóvel. Pedem ainda a equiparação da idade de reforma dos políticos à de toda a população (66 anos), bem como o corte nas subvenções vitalícias dos mesmos. Exigem também a reforma do Serviço Nacional de Saúde e maior empenho no combate à corrupção.

Filipe Ferreira, um dos criadores no evento no Facebook, justificou a criação deste movimento com o facto de estarem “cansados de tantos roubos ao contribuinte”, considerando que o país “está uma desordem” e que isso “não é aceitável”. (Jornal I 11/12/2018, às 13.54).

FRANÇA

Menos Coletes Amarelos nas ruas de França neste sábado

Movimento de contestação diz que não vai parar e planeia protestos para o fim-de-ano.

LUSA - 29 de Dezembro de 2018, 18:55

120
PARTILHAS



O movimento de contestação francês Coletes Amarelos perdeu força no sétimo sábado consecutivo de manifestações com apenas 800 manifestantes em Paris, concentrados nos Campos Elisios e em frente às sedes de diversos órgãos de comunicação. Mas mantém-se mobilizado.



Jornal Público 29.12.2018 18:5

Os movimentos sociais, como o dos “coletes amarelos”, são reveladores de um grande descontentamento e conseqüentemente uma elevada adesão por parte da população, sendo motivados por questões estruturais e objetivas nomeadamente os baixos níveis salariais e o aumento da sobrecarga fiscal sobre a classe média e média baixa.

Olhando para a situação europeia, os recentes acontecimentos são compreensíveis tanto em França como em Portugal. As causas para o seu surgimento estão também diretamente relacionadas com expectativas de melhoria das condições deteriorantes que muitas vezes controlam as suas vidas e que contradizem as suas aspirações. As populações sentem-se cada vez mais impotentes e apercebem-se que as instituições têm conseqüentemente menos capacidade de as proteger e apoiar. Por isso procuram uma potencialização através dos movimentos sociais, que são primordialmente defensores de uma transformação social.

Esta situação fica a dever-se ainda ao facto de os políticos e sindicatos não terem conseguido acompanhar as dinâmicas da sociedade. A opção por um modelo neoliberal

ao qual as instituições europeias e o projeto europeu se tem rendido tem-se refletido num aumento do descontentamento social.

Em França, passadas oito semanas, a situação é outra. Segundo o jornal Público de 29 de Dezembro de 2018 às 18:55, o movimento de contestação francês “Coletes Amarelos” perdeu força no sétimo sábado consecutivo de manifestações estando nessa altura com apenas 800 manifestantes em Paris. Em declarações à Lusa um dos manifestantes disse "Enquanto não estivermos satisfeitos, viremos todos os sábados. Ficaremos aqui nos Campos Elísios porque é onde temos mais visibilidade nacional e internacional. Queremos representar aqui a perda de confiança do povo nas suas instituições". (Público 29/12/2018).

Mas porque esta perda de interesse no movimento? Em primeiro lugar, provavelmente, porque os movimentos sociais são movimentos espontâneos que tendem a ser cíclicos, já que mobilizam as pessoas para responderem às circunstâncias do momento. Quando estas se alteram tendem a desaparecer pois perdem a sua força à medida que diminui capacidade de mobilização. E foi isso que aconteceu. Com a chegada da época natalícia os coletes amarelos desviaram, possivelmente, a sua atenção para outras questões, nomeadamente a necessidade de vivenciar a época festiva. Este movimento que se diz apertado e sem ideologia, parece ter como principal motivação o aumento do poder económico com vista a um maior consumo.

Embora ambos os países manifestem um descontentamento face às falsas expectativas, a sociedade portuguesa é muito diferente da sociedade francesa e por isso este movimento em Portugal apesar do empenho, não se conseguiu obter o mesmo vigor que em França. O JN de 21 Dezembro 2018 às 07:12 refere que os manifestantes dos “coletes amarelos” não pararam o país. O jornal Público a 22/12/18 às 00.08 diz ainda que a promessa de “Parar Portugal” não foi conseguida.

Em Portugal esta iniciativa tem algumas semelhanças com o movimento “geração à rasca” organizado também nas redes sociais motivado pelo descontentamento das populações. Contudo, este teve maior sucesso, uma vez que trouxe milhares de pessoas para a rua aumentando a capacidade para enfrentar os anos da “Troika”. Para além disso, este era um movimento que não propagava o anti partidarismo contra o sistema, tal como acontece com os “coletes amarelos” em Portugal.

Porque que é que a manifestação em Portugal ficou aquém do que se esperava? Primeiro pela ausência de um objetivo concreto e operacional. Os franceses foram para a rua por uma coisa muito concreta: Eram contra o aumento do imposto sobre os combustíveis associados à redução do imposto para as grandes fortunas.

As principais reivindicações dos portugueses (redução do número de deputados e aumento do salário mínimo para 700 euros) são pouco consistentes. Falando da redução do número de deputados, esta é uma reivindicação com objetivos populistas que está esplanada em muitos programas de partidos de extrema-direita; e por outro lado querer que salário mínimo passe automaticamente para 700 (assunto discutido pelos partidos, pelas centrais sindicais e pelas confederações patronais), é ignorar o efeito que isso iria ter nas próprias empresas. Impor a todas as empresas, sobretudo às mais pequenas, que passassem a pagar desde já 700 euros, é uma situação impensável. Além do mais, a data escolhida, também, não terá sido a melhor. Tal como em França, a aproximação de datas festivas terá desmobilizados, provavelmente, muitos possíveis participantes.

4. Considerações Finais:

Apesar das inúmeras controvérsias que os movimentos sociais suscitam na opinião pública, eles são peças incontornáveis em todas as grandes ruturas e revoluções da história dos povos. Na opinião de alguns sociólogos, nomeadamente Elísio Estanque (SIC Notícias, 21/12/2018) e Casimiro Ferreira (SIC Notícias, 22/12/2018), estes movimentos são manifestações populistas, que se identificam com movimentos e partidos de extrema-direita. Estão presentes em diversas sociedades, como acontece por exemplo na Polónia e na Hungria. Não pensam nas consequências e no fundo o que pretendem é provocar o caos, o pânico, desacreditar a democracia e as instituições. Segundo referem, é a profunda demagogia que caracteriza o processo reivindicativo apresentado por partidos de extrema-direita, que conduz ao aumento do populismo. Na verdade os populistas de direita têm sido mais bem-sucedidos na Europa do que os de esquerda. No entanto, em Espanha o “Podemos” e em França o “Insubmissa” (partidos de esquerda), viram a sua votação aumentar em eleições nacionais, o que lhes permitiu desafiar os partidos tradicionais. Assim parece-me que estes movimentos não se podem

identificar, exclusivamente com partidos de extrema-direita, e nem com partidos de esquerda extrema. Também na Alemanha, o movimento de esquerda "Aufstehen" cujo nome significa "levanta-te", inspirou-se nos protestos dos "Coletes Amarelos" franceses. A sua líder, Sahra Wagenknecht, prometeu que, em 2019, a iniciativa vai tomar as ruas da Alemanha (Sapo 24: 02/02/2019).

O populismo tem vindo a aumentar na Europa, fruto da manipulação da opinião pública, na maioria das vezes através das redes sociais. As redes sociais são um potente veículo que no ciberespaço facilitam um efeito mimético, exprimem tendências inovadoras que interferem no discurso e alteram tanto as linguagens como os próprios conteúdos. Permite reconstruir as culturas juvenis, que em grande parte, alimentam os novos movimentos sociais.

Estes movimentos funcionam, como chamadas de atenção para os enormes problemas presentes nas sociedades desenvolvidas. Alguns destes movimentos espontâneos, muitas vezes criados a partir das redes sociais, são reveladores de uma desconfiança e de um descontentamento que atravessa transversalmente as sociedades.

Funcionam como um escape das populações que se sentem escravizadas pelo poder do grande capital, que os explora, que lhes exige uma submissão aos princípios neoliberais - que no fundo lhes provoca uma enorme insegurança social. São fruto da mudança de paradigma, da queda do muro de Berlim e da descredibilização do projeto social-democrata europeu. Movimentos como este não se revêm nos seus legítimos representantes: os partidos políticos e os sindicatos que durante décadas ocuparam um papel central no equilíbrio, no pluralismo na liberdade no diálogo e na negociação das sociedades europeias. Estes movimentos pretendem, simplesmente, contestar o poder instituído que aos poucos se vai fragilizando, como se pode constatar pela baixa participação dos cidadãos nos atos eleitorais e nas iniciativas políticas. Em França o movimento "Coletes Amarelos", culminou em revoltas violentas. Em Portugal o movimento foi pouco expressivo. Mas não sabemos o que nos espera amanhã, até porque os seus impulsionadores dizem que irão reativá-lo todos os sábados do mês de janeiro.

Situações como esta podem ser perigosas para o futuro da democracia uma vez que põem em causa a paz social. Seria preferível que as reivindicações fossem feitas de forma

legítima. Mas para que isso acontecesse era necessário que os partidos democráticos e os sindicatos fossem capazes de responder às expectativas das pessoas, coisa que, presentemente, não está a acontecer. Ambos deveriam estar atentos às mudanças sociais e ao surgimento de novos movimentos, que contestam a ordem estabelecida e deveriam ser a força que reafirme os valores da democracia, da liberdade e da justiça social.

Bibliografia

- Bobbio, N.; Matteuci, N.; Pasquino, G. (2000), Dicionário de Política. Brasília: UnB.
- Della Porta, D.; e Mario D. (1999), *Social Movements. An Introduction*, Oxford, Blackwell Publishers.
- Diani, M. (1992), "The concept of social movement", *The Sociological Review*, 40 (1), pp. 1-25. DOI : 10.1111/j.1467-954X.1992.tb02943.x
- Durkheim, É. (1977) *As Regras do Método Sociológico*. Tradução de Maria Isaura de Queiroz. 8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Estanque, E. (2012), *A Classe Média. Ascensão e Declínio*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos/Relógio d'Água.
- Marx, K. (1982), "Para a Crítica da Economia Política" Tradução de Edgard Malagodi, Leandro Konder, José Arthur Giannotti, Walter Rehfeld. São Paulo: Abril Cultural.
- McCarthy, J. e Mayer, Z. (1977) *Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory*. *American Journal of Sociology* 82:1212-1241
- Melucci, A. (1985), The symbolic challenge of contemporary movements, *Social Research*, (online), 52 (4), pp. 789-816, disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40970398> (consultado a 02/01/2019).
- Ortega y G. (1962), *A Rebelião das Massas*. Tradução de Herrera Filho. Rio de Janeiro: Livro Ibero-americano.
- Rui, S. *Mouvements sociaux , Sociologie* [En ligne], Les 100 mots de la sociologie, mis en ligne le 01 mars 2016, consultado 02/01/2019. URL : <http://journals.openedition.org/sociologie/3207>
- Santos, B. (2005), *Fórum Social Mundial: Manual de Uso*. Porto: Afrontamento.

Smelser, N. (1963) *A Sociologia da Vida Econômica*. Tradução de Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

Tarde, G.. (2005), *A Opinião e as Massas*. 2ª ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

Tarrow, S.(1998), *Power in Movement. Social Movements and Contentious Politics*, Cambridge, Cambridge University Press.

Thompson, E.(1981). *A Miséria da Teoria ou Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltelsir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar.

Touraine, A. (1989) *Palavra e Sangue: Política e Sociedade na América Latina*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

Touraine, A. (1998), *Pourrons-Nous Vivre Ensemble?* Paris: Editions Fayard.

Touraine, A. (2006) *Um novo Paradigma para compreender o mundo hoje*. 3ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes,.

Weber, M. (2004) *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret.

Jornal Económico: consultado 02/01/2019. URL :

<https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/je-suis-colete-amarelo-391697>

Jornal I: consultado 02/01/2019. URL :

<https://ionline.sapo.pt/artigo/638031?fbclid=IwAR123UJbgYMJbyuT6ob2x4Nlyiq0oypZbfCEmBJVGwRI7CxWGt6XY2Jsv4>

Jornal Público: consultado 02/01/2019. URL :

<https://www.publico.pt/2018/12/29/mundo/noticia/menos-coletes-amarelos-ruas-neste-sabado-1856246>

Jornal Público: consultado 02/01/2019. URL :

<https://www.publico.pt/2018/12/21/sociedade/noticia/policia-jornalistas-nao-ha-coletes-amarelos-1855544>

Sic Notícias: consultado 02/01/2019. URL :

<http://academiacidada.org/coletes-amarelos-o-perigo-para-a-democracia-dos-apelos-populistas-sic-noticias/>

Sic Notícias: consultado 02/01/2019. URL :

<https://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2018-11-19-Movimento-coletes-amarelos-promete-bloquear-Paris-no-proximo-sabado>